

UM GRANDE SENHOR DA LITERATURA,  
COM INVULGAR VISÃO POLÍTICA

por Mário Soares

1. Na última quarta-feira, estive por uns dias em Portugal, o escritor e jornalista libanês, Amin Maalouf, como hóspede da Fundação Gulbenkian. Respondeu a perguntas que lhe foram feitas por António Vitorino, perante um público atento e de qualidade, parte do qual conhecia razoavelmente a obra literária e histórica de Amin Maalouf (muita da qual está traduzida em português) e os importantes artigos que escreve, regularmente, na imprensa internacional. Foi um sucesso, embora eu não tenha podido estar presente. Mas a minha Mulher que ouviu o debate, veio de lá entusiasmada e contou-me.

Felizmente, foi possível convidá-lo para jantar em nossa Casa - e a sua simpatiquíssima Mulher, que é socióloga - com alguns amigos comuns, na sexta feira passada. É uma personalidade encantadora, com uma grande lucidez de espírito e uma vastíssima cultura árabo-muçulmana e europeia (sobretudo francesa) visto viver em França, desde 1976, onde foi jornalista do "Jeune Afrique" e do "Nouvelle Observateur". É o autor do livro histórico "As cruzadas vistas pelos Árabes" e de livros de ficção como "O Rochedo de Tânios", "Leão o Africano", "Samarcanda", "O Século Primeiro depois de Beatriz", "Os Jardins de Luz" e outros, traduzidos em português e publicados pela Difel.

Além disso, é um homem de visão, muito atento e crítico à situação do Mundo, neste início do século XXI, onde a humanidade corre tantos riscos. O último livro que publicou, em francês, traduzido pela prestigiada editora Grasset, intitula-se "O desregulamento do mundo". É um livro de um grande politicólogo com uma visão segura da crise global que vivemos, mas também sobre a luta contra o terrorismo e a pirataria, os conflitos latentes, religiosos e políticos que se agudizam no Médio Oriente, sobretudo a hostilidade latente entre Israel e a Palestina e o problema ambiental, porventura, o mais grave de todos, que pode tornar o mundo invivível.

No entanto, considera que há um factor de esperança "desde o começo do espantoso ano de 2008: a afirmação de Barack Obama, o símbolo e o homem: o regresso da América esquecida, a de Abraão Lincoln, de Thomas Jefferson e de Benjamim Franklin. Noutros termos, o despertar, em sobressalto, de uma grande nação, consecutivo à crise económica e aos seus atascamentos militares". (vide *Le dérèglement du Monde*, pag.311).

Amin Maalouf deu uma grande entrevista à jornalista Alexandra Lucas Coelho, que saiu no público de 10 de Julho passado. Aconselho vivamente a sua leitura, visto que, a partir dela, os leitores podem fazer uma reflexão muito objectiva e lúcida sobre o mundo em que lhes é dado viver.

Quando a jornalista lhe pergunta por Obama, Maalouf respondeu, sem hesitação: "Li os seus livros. Vi e ouvi os discursos. Ele não fala ao instinto; fala à razão. E essa é a verdadeira atitude democrática. Tentar convencer em vez de manipular. Desenvolver argumentos. Senti que intelectualmente e eticamente se situa a um nível muito alto. Não fui indiferente ao seu background, porque é importante, sobretudo depois dos anos Bush, ter uma pessoa nos Estados Unidos com a qual o mundo se possa identificar. É essencial. E miraculosamente ele veio". Mais adiante a jornalista pergunta-lhe: "e se Obama falhar?" Resposta: "é uma tragédia para a América, para o Ocidente e para o mundo" [...] "se conseguir terá enorme impacto na evolução do mundo. Se conseguir reconciliar o Ocidente com o mundo árabe e islâmico, e o mundo árabe com o judeu; se começar um verdadeiro processo de reverter as mudanças climáticas e o aquecimento global; e se resolver a crise económica, que é a mais difícil e a menos difícil das três tarefas"...

2. A viagem de Barack Obama à Europa na semana passada começou pela Rússia, no dia 7, onde teve encontros importantes com o Presidente Medvedev e com o primeiro ministro Putin, uma dupla (que não se sabe bem ainda como se conjuga) e que representa o grande país, que outrora foi a principal e a mais temida potência rival dos Estados Unidos. O objectivo fundamental do Presidente americano era restabelecer uma relação cordial, não conflituosa e se possível de confiança com esse grande país, que - não esqueçamos - a América humilhou e tratou mal, ao contrário do que devia, imediatamente após o colapso do comunismo. A Rússia é a segunda potência atómica do mundo, é um país rico em petróleo, gás e em toda a espécie de minerais que não pode - nem deve - ser menorizado nem, muito menos, humilhado, como foi.

Essa época passou. Mas ficou na memória dos russos. Obama falou aos seus interlocutores de igual para igual, ressaltando o legado extraordinário da Rússia nos domínios da Literatura, das Artes e da Música, mas também da Ciência e das Tecnologias. Esse discurso agradou aos dirigentes russos, sobretudo, a Putin, que soube despertar o orgulho da Rússia como super-potência e apagar a fase de decadência que se seguiu à revolução de Gorbachev.

Obama disse, sem temer as palavras, que queria uma Rússia "forte, pacífica e próspera" no discurso que fez, significativamente, na Escola Económica de Moscovo, perante um imenso público, curioso, interessado, contido e altamente receptivo.

Uma Rússia forte - disse Obama - é decisiva para "restabelecer a segurança quanto às armas nucleares" (que Obama propôs reduzir drasticamente); para assegurar a segurança contra o terrorismo; o acesso aos mercados e às oportunidades, à saúde e ao ambiente; e a um sistema internacional que proteja a soberania e os direitos do homem, favorecendo a estabilidade e a prosperidade. E acrescentou: "estes desafios necessitam uma parceria global, a qual terá mais força se a Rússia ocupar o lugar de grande potência, que deve ser o seu". (vide Le Monde, 9 de Julho de 2009).

Estas palavras, tão claras, não poderão deixar de agradar aos dirigentes russos - e aos seus cidadãos - abrindo muitas portas, até agora fechadas, para um novo relacionamento russo-americano, em especial em pontos nevrálgicos como o Próximo Oriente, o Irão e o Afeganistão e a Ucrânia.

3. De Moscovo, Obama seguiu para a reunião do G8, em L'Aquila, a cidade devastada por um terrível terramoto, em Itália. Berlusconi, o anfitrião - em baixa por causa do escândalo das orgias que promoveu, para visitantes ilustres - estava como se nada fosse... Seguro de si, amoral e bem disposto. No entanto, o G8 que contou com alguns representantes de países emergentes, como o Brasil e a Índia, registou uma falha de monta: o Presidente da China, Hu Jintao, ocupado com duas tragédias graves: a revolta étnica e sangrenta dos uigures na capital de Xinjiang, um precedente terrível para a China; e o terramoto que ocorreu na província de Sichuan.

De resto, a reunião foi um semi-fracasso. Numa entrevista dada ao Le Monde, o presidente Lula disse, sem papas na língua: "em matéria económica o

G8 não tem mais razão de ser". Com efeito, como disse Lula: "no início do séc. XXI o mundo não pode ser dirigido pelo clube dos ricos que dominaram a segunda metade do século XX". E acrescentou: "a democracia tem necessidade de fora multilaterias e, sobretudo, reformar as Nações Unidas". Contudo, houve algum acordo para adoptar uma política ambiental consequente a apresentar na Cimeira de Copenhaga (Dinamarca), para o auxílio a África, estimulando a agricultura (contra a crise de alimentos dos países pobres) e para lutar contra a fome, que, com a crise actual, começa a atingir vários Continentes.

O Presidente Obama teve ainda tempo para passar por Roma e visitar o Papa. Foi uma visita significativa. Obama recebeu do Papa a oferta da sua última encíclica, que reclama mais ética nas relações económicas, luta contra as desigualdades e a pobreza. Segundo disse a imprensa internacional, o encontro deu lugar a uma grande empatia entre os interlocutores e a uma convergência de opiniões quanto à necessidade de desenvolver o diálogo - e portanto a paz - entre as diferentes culturas.

Dali, Obama, de regresso aos Estados Unidos, voou para Acra, capital do Gana. Foi a sua primeira visita a África, como Presidente. Recebido em apoteose, como se esperava, falou como afro-americano, em África, exortando os africanos a assumirem as suas responsabilidades, no sentido da escolha de dirigentes democratas, que respeitem a vontade popular. Gana é um Estado democrático considerado como uma excepção no Continente.

Obama - que falou para a África no seu conjunto - prometeu a ajuda dos Estados Unidos ao desenvolvimento, para os países que respeitem a democracia e não deixou de sublinhar que, tantos anos depois das independências, a desculpa do colonialismo não tem mais razão de ser.

No entanto, não deixou de visitar Cape Coast, uma antiga fortaleza onde eram depositados os escravos, à espera de barco para o Novo Mundo. Michelle, esposa do Presidente, é descendente desses escravos. Eis a diferença. Por isso, diziam na rua, as pessoas humildes: "Obama é nosso irmão"...

Lisboa, 14 de Julho de 2009